

O BELO PELA ÓTICA DE TONI MORRISON: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *O OLHO MAIS AZUL*

THE BEAUTY THROUGH TONI MORRISON'S OPTIC: AN ANALYSIS OF THE NOVEL *THE BLUEEST EYE*

Camila Santos de Almeida Marques¹
Universidade Federal do Tocantins

Marília Fatima de Oliveira²
Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Este artigo objetiva analisar o romance *O olho mais azul*, da autora Toni Morrison, a fim de verificar na obra a representação do belo e as consequências da hegemonização do conceito na vida de uma mulher negra. Por meio de uma revisão de literatura, abordamos, a partir do referido romance, questões como o conceito de estética empregado pela filosofia, análise do belo na obra pela perspectiva dos Estudos Culturais e sobre o olhar de Morrison. O anseio pela escrita se deu a partir da leitura da obra aqui analisada e pela necessidade de discutir mais sobre questões raciais ligadas a estética e a beleza. Para tanto, fundamentamos essa pesquisa em Fanon (2008), Bhabha (1998), Hall (2005) estudiosos dos estudos culturais, Suassuna (2016) e Oliveira (2005) cujas abordagens sobre o tema levam em conta a estética e a filosofia. Nosso objetivo é nos aproximarmos do conceito de beleza construído por Morrison, bem como as motivações da autora na construção desse romance com personagens tão complexos e densos, pensando na perspectiva da opressão sofrida pela personagem em toda a narrativa, levando-a loucura.

Palavras-chave: Estética. Opressão. Belo. Feio.

Abstract: This paper aims to analyze the novel *The Bluest Eye*, by author Toni Morrison, in order to verify in the work, the representation of beauty and the consequences of the hegemonization of the concept in the life of a black woman. By means of a literature review, we approached, based on the aforementioned novel, issues such as the concept of aesthetics employed by philosophy, analysis of the beauty in the work from the perspective of Cultural Studies, and Morrison's point of view. The desire to write this book came from reading the work analyzed here and the need to discuss more about racial issues related to aesthetics and beauty. To do so, we base this research on Fanon (2008), Bhabha (1998), Hall (2005), scholars of cultural studies, Suassuna (2016), and Oliveira (2005), whose approaches to the theme considering aesthetics and philosophy. Our goal is to approach the concept of beauty constructed by Morrison, as well as the motivations of the author in the construction of this novel with such complex and dense characters, thinking from the perspective of the oppression suffered by the character throughout the narrative leading her madness.

Keywords: Aesthetics. Oppression. Beauty. Ugly.

¹ Mestranda em Letras, UFT (Universidade Federal do Tocantins), c.s_almeida@hotmail.com

² Docente do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional. Email: mariliaoliveira@mail.uft.edu.br

Recebido em 10 de julho de 2022.

Aprovado em 10 de setembro de 2022.

Introdução

O olho mais azul (2019) é uma obra relevante para os estudos raciais por tratar de temas como o racismo e a opressão. Foi escrito pela autora Toni Morrison, primeira mulher negra a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura em 1993. O nome de berço da autora é Chloe Anthony Wofford, e ela nasceu em Lorain, Ohio, em 1931. Toni Morrison viveu sua infância em uma vizinhança miscigenada, e na escola se destacava por seus talentos. Em 1953 inicia seu mestrado em literatura, e logo depois a escrita de seu primeiro livro, *O olho mais azul*. Mesmo sendo alvo de censura por tratar de temas polêmicos para a época, essa obra foi de grande relevância para a autora, o livro levou Morrison ao reconhecimento no meio literário.

A narrativa apresenta a vida de Pecola Breedlove, que apesar de seu sobrenome ter a junção de *Breed* e *Love*, algo como “procriar” e “amor”, no romance ela não recebe amor de seus iguais, e nem dos que a geraram. Pecola é uma criança negra que sofre várias formas de rejeição de sua família e da sociedade, sendo elas causadas pelo racismo, pelo desprezo, além de sofrer abuso sexual do pai. Ao abusar da filha, Cholly acreditava estar fazendo um favor à menina, dando-lhe o que ela mais desejava, uma espécie de carinho que faltava, e foi o que a destruiu.

Pecola é exposta a episódios de racismo e de rejeição pela sua aparência, e é caracterizada por uma feiura que toma dela o direito de ser amada e respeitada por aqueles que a cercam. Em casa, no bairro e na escola, a personagem é perseguida por esse trauma e isso faz com que ela tenha resistência à sua própria aparência, mas, especialmente, por não ter os olhos azuis e, dessa forma, não se encaixar no padrão de beleza de uma sociedade branca e racista.

A obra foi publicada pela primeira vez em 1970. Inicialmente, o romance não foi bem recebido pela crítica literária por ser uma literatura produzida por uma mulher negra e por conter temas densos, dentre eles o abuso sexual. Com isso, a obra foi censurada em escolas e espaços acadêmicos da época. Todavia, isso não impossibilitou o reconhecimento da autora e da obra, a levando, como já foi mencionado, a receber prêmios literários pela publicação.

Este artigo insere-se nos estudos sobre o conceito de belo e feio trabalhados na obra pela perspectiva da Toni Morrison. A análise proposta passará por teorias que abordem a temática do Belo e da construção dos padrões de beleza na sociedade ocidental. O ponto central é o incômodo da personagem com sua aparência.

O romance de quatro capítulos tem como cenário a cidade de Lorain, estado de Ohio, e é narrado por Cláudia MacTeer, uma narradora-testemunha, que observa tudo o que ocorre na vida de Pecola e de seus familiares. Apesar de Cláudia também ser uma criança negra, vive em uma família estruturada e não se deixa influenciar pelo preconceito racial da classe branca. Cláudia mostra ao leitor como uma criança negra pode ser criada consciente de sua beleza e não ser guiada por padrões culturais e estéticos difundidos pela sociedade branca.

O presente estudo pauta-se nos estudos culturais e raciais, baseados em pesquisadores como Frantz Fanon (2008), um autor influente dos estudos pós-coloniais, Homi Bhabha (1998), indiano, professor universitário, escritor e um dos maiores pensadores dos estudos pós-coloniais, Stuart Hall (2005), teórico cultural que contribuiu grandemente com suas obras para os estudos da cultura, dentre outros.

Assim, discutiremos o mito da beleza branca, e o padrão hegemônico do belo difundido principalmente pelos Europeus, a partir dos quais os padrões de beleza feminina foram disseminados, determinando como belo a pele branca, os olhos e cabelos claros e a estrutura corporal magra e esguia. O impedimento biológico de pertencer a esse grupo cujos padrões estéticos são modelos para outras mulheres afetam a personagem da obra analisada, e essa impossibilidade atua de maneira desastrosa em sua infância.

É necessário, portanto, refletir sobre a questão da ditadura da beleza para analisar a personagem e entender o porquê de seu maior desejo é ser branca e ter olhos azuis. Para isso, esse artigo será norteado por alguns questionamentos: (1) o que leva a mulher negra almejar um padrão de beleza predominantemente branco sem levar em conta seu biotipo? e (2) o que é considerado belo e feio na visão da autora? Toni Morrison discute essas temáticas na obra, bem como as consequências dessa opressão estética na vida de uma mulher negra.

O belo pela perspectiva filosófica

Para iniciar a discussão sobre o belo na obra de Morrison, é necessário partir-de onde esse conceito foi primeiramente discutido e quais caminhos percorreu para alcançar a atual definição. Para tanto, será considerada a relação entre filosofia e estética, pois foram os filósofos os primeiros a pensar o conceito do belo, por isso a importância de incluir os conceitos da filosofia sobre a temática aqui discutida, trazendo as contribuições sobre o tema a partir de Platão (2003) e Kant (1995).

Antes de Platão, o belo, conceituado filosoficamente, era ligado ao bem, tratando da noção grega de *kalokagathós*: belo e bom. Com Platão, o belo adquire autonomia em relação ao que é bom, embora apareça muitas vezes associado a esse termo, como ocorre, por exemplo, no diálogo com Agatão no *Banquete*: “o que é belo é bom” (Platão, *O Banquete*, Coimbra, Ed. Atlântida Editora, 1968, pp.94-96.).

O filósofo trata de um sentido de belo que está imune às transformações que ocorre, é uma beleza relacionada ao sentido. No *Fedro*, é possível notar:

[...] sobre a beleza, como dissemos, dentre aqueles [seres] ela brilhava em seu ser, e aqui vindos nós a percebemos através dos mais claros dos nossos sentidos, a fulgir com a máxima claridade. Pois a vista é a mais aguda das percepções que nos vêm pelo corpo e, no entanto, por ela a inteligência não se vê [...] e tudo mais que é amável; mas agora só beleza teve esta sorte de ser o que há de mais evidente e mais amável (Platão, *O Banquete*, Coimbra, Ed. Atlântida Editora, 1968, pp.94-96).

Esse contato com os sentidos é o pressuposto para a discussão de Platão no diálogo estabelecido em sua obra *O Banquete*, na qual é feita a relação do belo com o bom, e do belo com o sentido de amor.

Para Immanuel Kant (1995), nas palavras de Suassuna, o belo é interior a cada pessoa, e está relacionado à fruição e à percepção intuitiva. Kant defende a ideia de um conceito de beleza livre, concebida a partir de um prazer desinteressado. Assim, para Suassuna, “o Belo de Kant” se manifesta como um sentimento de prazer obtido na contemplação: “[...] quando o sujeito emite um juízo estético, não está exprimindo um conceito decorrente das propriedades do objeto, mas apenas uma sensação de prazer (ou de desprazer) que experimentou diante do objeto” (SUASSUNA, 2016 p. 72).

Dessa forma, é acentuado um juízo de gosto diante da arte, porém, esse juízo não possibilita explicitar a finalidade de uma determinada obra, o porquê um quadro foi pintado, por exemplo. É sentindo um prazer estético diante do que se contempla, como afirma Kant:

Logo, é na capacidade universal de comunicação do estado da mente na representação dada que, como condição subjetiva do juízo de gosto, deve estar fundamentado esse juízo e ter como consequência o prazer face ao objeto (KANT, 1995, p. 61).

Essa liberdade está associada à imaginação, sabendo que, de acordo com o pensamento de Kant, não se pode afirmar que o juízo de gosto esteja atrelado às funções reguladoras e legisladoras das faculdades que compõem o pensamento humano, porém são ligadas às

faculdades intelectuais. Desta forma, é necessário o indivíduo aplicar uma percepção estética sobre o que é belo ou não.

Pode-se afirmar que para Kant o belo é determinado pelo juízo de gosto, a reação do sujeito ao objeto, e não algum aspecto ligado a uma propriedade do objeto. A beleza está internalizada em quem contempla o objeto, e exprimir valor estético está diretamente ligado à individualidade de cada um. Pondera Kant: “aquilo que é puramente subjetivo na representação de um objeto, isto é, o que constitui a sua relação ao sujeito, e não ao objeto, é a sua qualidade estética.” (KANT, 1995, pp. 49-50).

Desta maneira, é observável que a ideia do que é belo vem sofrendo variações, e a partir dos estudos culturais essa construção é vista como social, um discurso validado pela mídia, e autoras negras como Toni Morrison vêm rompendo com esses paradigmas. Com isso, se tem alcançado o conceito de beleza tal qual o é atualmente, um modelo hegemônico europeu desejado pela sociedade atual. Assim, o conceito do que seja belo sofreu alterações desde a abordagem do pensamento filosófico grego aos discursos normativos da atualidade.

Sobre o belo no olhar de quem condena³

A edição utilizada para a escrita desse artigo conta com o posfácio da autora, em que Morrison relata ter conhecido uma Pecola, uma menina negra que almejava ter olhos azuis e isso a incomodou a ponto de construir a narrativa *O olho mais azul*.

O “olho mais azul” foi minha tentativa de dizer alguma coisa sobre isso; dizer algo sobre por que ela não tinha, ou talvez nunca viesse a ter, a experiência do que possuía e também por que rezava por uma alteração tão radical. Implícita em seu desejo estava a aversão por si mesma, de origem racial. [...] Quem disse a ela? Quem a fez sentir que era melhor ser uma aberração do que ser o que ela era? Quem a tinha olhado e a achado tão deficiente, um peso tão pequeno na escala da beleza? Este romance busca relances do olhar que a condenou” (MORRISON, 2019, p. 215, 216).

O anseio de Morrison é bastante pertinente, pois questiona o quanto os mitos construídos sobre os padrões físicos aceitos como belos influenciam na formação do sujeito negro, principalmente das mulheres negras. Os padrões de beleza impostos às mulheres, seja em 1960, quando o livro começou a ser escrito, ou até os dias de hoje, é questionável, pois, ignora outras formas de beleza que não as das europeias. Dessa forma, há uma supervalorização

³ O título desta seção é uma paráfrase inspirada em uma citação da autora na obra, cuja versão é “Sobre o olhar de quem condena”.

da estética e características físicas dos povos negros, mestiços ou não brancos em oposição à valorização dos traços e características dos povos brancos.

O romance cumpre com o preconizado por Antonio Candido (1988), para quem o papel da literatura é humanizar. Assim, essa narrativa tem o poder de fazer com que o leitor questione o porquê da existência de um padrão de beleza capaz de prejudicar o membro mais delicado da sociedade: uma criança. Porém, ao contrário do postulado por Candido, a autora afirma que ainda assim “[...] muitos leitores se sentem tocados, mas não instigados” (MORRISON, 2019, p. 217).

A mulher negra segue vivendo uma escravidão. Antes tinha sua mão de obra explorada e seu corpo abusado tanto pelos brancos como pelo seu próprio companheiro negro. Após a abolição da escravidão, a mulher continuou nessa espécie de cárcere, sendo privada de frequentar os mesmos lugares que a mulher branca, e conseqüentemente não tendo o mesmo privilégio para a ascensão social. No romance, Morrison destaca a questão da escravidão da mulher negra:

Todo mundo podia lhes dar ordens. As mulheres brancas diziam “Faça isso”. As crianças brancas diziam “Me dá aquilo”. Os homens brancos diziam “venha cá”. Os homens negros diziam “Deita”. As únicas pessoas de quem não precisavam receber ordens eram as crianças e as outras mulheres negras. Mas elas pegaram tudo isso e recriaram à sua própria imagem. Administravam a casa dos brancos e sabiam disso. Quando os brancos espancavam os seus homens, elas limpavam o sangue e iam para casa receber maus-tratos da vítima (MORRISON, 2019, p. 145).

A autora representa a mulher negra sempre subordinada pelo patrão, pelo esposo, pelos filhos e pela sociedade. Como consequência dessa sociedade, cujo elemento menos empoderado é a mulher negra, Pecola é oprimida pelo ideal de beleza difundido pelos europeus desde o início do professo colonial e escravagista, em que as meninas se comparam esteticamente a bonecas loiras dos olhos azuis.

O discurso difusor do ideal e do belo é construído a partir das mídias, escola, religião e também por brinquedos, como é descrito na obra: “Adultos, meninas mais velhas, lojas, revistas, jornais, vitrines – o mundo todo concordava que uma boneca dos olhos azuis, cabelo amarelo e pele rosada era o que toda menina mais almejava” (MORRISON, 2019, p. 30).

Essa absorção do padrão dominante de beleza instituído pela figura da Shirley Temple, a boneca admirada por Pecola, pode ser extremamente tóxico para a garota, alterando até mesmo seu comportamento. Um exemplo é a caneca onde Pecola toma o leite, não porque

gosta, mas porque lhe permite admirar a figura que decora a caneca e é seu ideal de beleza. “Ela demorou um longo tempo para tomar o leite, olhando ternamente para a silhueta do rosto com covinhas de Shirley Temple” (MORRISON, 2019, pp. 28-29).

A formação das três meninas, Cláudia, sua irmã, Frieda e Pecola, são paralelas, e a trajetória de cada uma reverbera nas das outras. Ao narrar a vida de Pecola, Cláudia compreende o seu lugar na sociedade enquanto mulher e como negra, um local diferente daquele ocupado pelo homem negro e pela mulher branca. Pecola, por sua vez, vivencia um desconhecimento do seu eu e busca ser validada através do olhar do outro, fato que interferiu em sua própria identidade.

Durante muito tempo a sociedade hegemônica branca determinou que a população negra ocupasse um lugar identitário específico, sendo representada como o outro, o marginalizado, o estrangeiro, e somente essa população tendo espaço para definir o que é normal, aceitável, belo, artístico, dentre outras coisas.

De acordo com Hall, o conceito de identidade varia a medida em que as sociedades se modificam, interagem, assimilam traços culturais, gerando formas híbridas de identificação do sujeito. Conforme postulado abaixo, a compreensão de que o indivíduo não é uno, mas complexo e multifacetado contribuiu para a compreensão do sujeito branco, permitindo que esse estivesse atento às maneiras novas de se perceber em sociedade.

O afastamento das singularidades de “classe” ou “gênero” como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno (BHABHA, 2013, p. 20).

Essa multiplicidade de identidades, muitas vezes leva o sujeito a questionar o seu próprio eu. No entanto, em uma sociedade racista como a da época em que a personagem Pecola vivia, por exemplo, ao negro quase sempre era negada sua identidade originária, tendo até mesmo sua nacionalidade, seus desejos, sentimentos e percepções apagadas. Pecola, protagonista aqui analisada, é sempre descrita como um sujeito marginal, permanecendo e vivendo nas adjacências da classe dominante e branca.

Na obra, a dominação do branco sobre o sujeito negro se dá desde a mãe da personagem. Pauline trabalha em casa de família branca e sente mais prazer em ninar os filhos dos patrões do que cuidar da própria filha. Pauline é seduzida pela branquitude, e tudo que envolve a casa e a família que ela serve a faz preferir aquele espaço ao de sua própria casa.

“Naquela casa ela tinha poder, elogios e luxo. Até lhe deram o que nunca tivera, um apelido – Polly.” (MORRISON, 2019, p. 135). Ao leitor fica claro que Pauline almeja a vida dos brancos, incomparavelmente melhor do que a sua. Tudo aquilo que cerca o branco lhe agrada mais, até mesmo as crianças brancas.

Dentre as personagens femininas negras, Claudia, a narradora, uma menina de 9 anos é a única a não aceitar ser tratada de forma diferenciada por ser negra. Ela acredita não existir razão, não aceitando a marginalização que lhe desejam impor. Morrison (2017) pondera sobre a questão de a alteridade ser afirmada pela diferença e que é algo a se temer, em especial se há uma hierarquização dessas diferenças, de tal forma que tudo aquilo que se difere do ideal imposto pelas classes hegemônicas seja tido como perigoso, anormal, feio, não aceitável.

Por esse viés, é inculcado à sociedade a criação de regras que estabelecem o que pode ser aceito e normal, estabelecendo padrões dominantes e alienando aqueles que não correspondem a idealização de sujeito imposto pelo sujeito dominante. É dessa forma que a personagem Pecola se visibiliza pela aprovação do outro, pois ela é um sujeito que difere do ideal do padrão de beleza.

Nessa perspectiva, a identidade é influenciada pela sociedade e também moldada pela diferença. De acordo com Hall: “as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela” (HALL, 2012, p. 110). Quem decide o que é divergente, são aqueles que detêm o poder. O negro só existe porque ele foi definido por uma classe dominante, o negro é uma construção social, como diz Fanon (2008). O sujeito branco ditou e definiu os termos raciais para garantir a sua superioridade.

Essa dominação e preconceito não são restringidas somente ao intelecto do negro, mas a todas as características físicas. Esse fato fica evidente pelo olhar de Morrison quando descreve as características físicas da família de Pecola:

Os olhos, pequenos e muito juntos, testa estreita. O contorno do couro cabeludo baixo, irregular, que parecia ainda mais irregular pelo contraste com as sobrancelhas retas e densas que quase se juntavam. Nariz afilado, mas arqueado, com narinas insolentes. Tinham maçãs do rosto altas e orelhas de abano. Lábios bem-feitos que chamavam a atenção não para si, mas para o resto do rosto. A gente olhava para eles e ficava se perguntando por que eram tão feios; olhava com atenção e não conseguia encontrar a fonte (MORRISON, 2019, p. 48).

Representações negativas que a sociedade hegemônica não desejava para si são estendidas à Pecola e sua família. É perceptível que Morrison trouxe, através de sua narrativa,

o sofrimento de autorrejeição e negação do negro mediante a construção de seus personagens. Ao se deparar com essa situação e de aceitá-la o negro busca formas de fugir dessa realidade, sendo esse o caso de Pecola ao almejar os olhos azuis, para assim conseguir ser aceita pela sociedade.

Toda noite, sem falta, ela rezava para ter olhos azuis. Fazia um ano que rezava fervorosamente. Embora um tanto desanimada, não tinha perdido a esperança. Levaria muito, muito tempo para que uma coisa maravilhosa como aquela acontecesse. Lançada dessa maneira na convicção de que só um milagre poderia socorrê-la, ela jamais conheceria a própria beleza. Veria apenas o que havia para ver: os olhos das outras pessoas (MORRISON, 2019, p. 56).

O desejo do colonizado, nesse caso Pecola, o de ascender, é pautado na crença de que a única forma de se tornar visível é se igualar ao colonizador. De acordo com Fanon (2008, p. 34), “todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana”. Esse tipo de atitude é dimensionada a partir de uma admiração que faz o negro rejeitar sua própria cultura e valores em favor do que é considerado como ideal, pois as sociedades marginalizadas desejam sair dessa posição de inferioridade e tornar-se metrópole.

Ao querer ter os olhos clareados para se parecer com o branco, Pecola se torna refém do racismo, e a busca por esse ideal de brancura impossível a coloca em lugares de conflitos difíceis de serem reconciliados. Não se aceitar ou se autorrejeitar é frustrante e deprimente.

Começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja mais um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco (FANON, 2008, p. 94).

Dessa forma, a rejeição de si mesma potencializa em Pecola uma frustração por não conseguir alcançar o seu objetivo. E mesmo a personagem ainda sendo uma criança esses episódios de revolta são frequentes na narrativa, sendo levada ao nível de falta de sanidade mental por não alcançar os olhos azuis.

Assim, a vida de Pecola narrada por Claudia é dolorosa e dialoga com a realidade de outras “Pecolas” em diferentes lugares. A barreira racial que é imposta para evidenciar uma superioridade branca faz com que meninas como Pecola adoeçam alimentando uma expectativa irreal e tóxica.

A luta por ser (re)conhecida fez com que Pecola se autorregulasse pelo olhar do outro, tendo assim a sua concepção de *self* danificada, por isso é perceptível que a literatura de Morrison é pautada na negação desse olhar de fora. Dessa forma, ao excluir o olhar do outro sobre o negro, a autora narra a partir da perspectiva da pessoa negra, é onde Claudia conta a sua história, a de Pecola e a de tantos outros sujeitos negros da época. E mesmo o olhar externo e julgador não estando presente, ainda assim o mundo da protagonista é deformado.

A beleza de Pecola é negada por si e pelos outros. O desejo de pertencer ao que é considerado belo a partir da concepção da hegemonia branca, cria na personagem um ódio de si mesma. Isso causa um transtorno que conduz à crença de que só é feliz quem faz parte da realidade branca.

Essa disseminação de estereótipo reforça a ideia de superioridade da população branca, pois ao atribuir características negativas a uma população e disseminar narrativas racistas, a construção da imagem do homem branco heroico e de beleza perfeita se torna mais fácil. Por isso esse motivo Pecola passa a vida inteira desejando fazer parte da sociedade que a rejeita:

Por mais que tentasse, nunca conseguiria fazer os olhos desaparecerem. Que sentido havia naquilo então? Eles eram tudo. Estava tudo lá, neles. Todas aquelas imagens, todos aqueles rostos. Fazia muito tempo que ela tinha abandonado a ideia de fugir para ver imagens novas, rostos novos, como Summy fizera tantas vezes. Ele nunca a levava e nunca pensava na fuga com antecedência, portanto nunca a planejava. E, de todo jeito, não teria dado certo. Enquanto ela tivesse aparência que tinha, enquanto fosse feia, teria que ficar com aquelas pessoas. Por algum motivo ela lhes pertencia (MORRISON, 2019, p. 55).

Pecola revela a situação de perigo e vulnerabilidade que a criança negra se encontra, os abusos sofridos pela personagem a transformam em uma criança triste e retraída. A amargura da personagem por não ser “bela” como Shirley Temple e as outras meninas brancas, faz com que ela se sinta estrangeira em seu próprio lar, Pecola habita naquele lugar, porém não é aceita, e isso leva a menina a querer sumir. Enquanto as outras crianças têm o desejo de brincar, ela tem o desejo de ser extinta, de não mais existir.

Dessa forma, a personagem fica retida em sentimentos contrários, sem conseguir fugir da imagem distorcida sobre si forjada pelos outros. “Lançada dessa maneira na convicção de que só um milagre poderia socorrê-la, ela jamais conheceria a própria beleza. Veria apenas o que havia para ver: os olhos das outras pessoas (MORRISON, 2019, p. 56). Essa é a consequência de anos de um racismo impregnado na sociedade, que leva a população negra a pensar que tudo faz é inferior e insuficiente.

É compreensível que Pecola busque pela necessidade de se igualar de alguma forma aos padrões impostos, os olhos azuis tão desejados por ela e que dão nome ao romance significavam um passaporte para uma vida melhor e mais feliz. Rezava por esses olhos na esperança de ser amada e respeitada, e acreditando que se fosse uma boa menina, o seu desejo seria alcançado.

Tinha ocorrido a Pecola, havia algum tempo, que, se os seus olhos, aqueles olhos que retinham as imagens e conheciam as cenas, fossem diferentes, ou seja, bonitos, ela seria diferente. Tinha bons dentes, e o nariz, pelo menos, não era grande e chato como o de algumas garotas que eram consideradas tão bonitinhas. Se tivesse outra aparência, se fosse bonita, talvez Cholly fosse diferente, e a sra. Breedlove também. Talvez eles dissessem: “Ora, vejam que olhos bonitos os da Pecola. Não devemos fazer coisas ruins na frente desses olhos bonitos” (MORRISON, 2019, p. 56).

Para Pecola, a mudança na cor de seus olhos faria sucumbir todas as coisas horríveis que lhe acontecia. Se ela fosse bela e tivesse os olhos claros, Cholly não a teria violentado, Pauline não seria uma mãe ausente e Sammy não fugiria de casa com tanta frequência. Todas as expectativas de um suposto melhoramento de vida de Pecola estavam fundamentadas na mudança de cor de seus olhos.

Com isso, a infância da personagem é pautada na busca pela beleza, e isso fica mais evidente quando ela se vê inferiorizada por outras crianças negras, como Maureen Peal, que é uma negra não retinta com cabelos que caem por suas costas. Nesse contexto, ela é descrita como “uma criança de sonho, mulata claríssima, de cabelo castanho comprido, preso em duas tranças grossas que lhe pendiam às costas” (MORRISON, 2019, p. 72). Por ter esse fenótipo, Maureen é aceita por todos na escola, as crianças querem se relacionar com ela, brincar e os professores de imediato a consideram uma aluna modelo.

Cláudia, Frieda e Pecola, com suas peles escuras e cabelos crespos, não causam a mesma admiração social que as moças como Maureen causam, e isso as levam a um tipo de confusão e também ao reconhecimento de que existe algo em Maureen que falta nelas. Cláudia e Frieda, ao contrário de Pecola, chegam à conclusão de que o problema não está nelas, mas sim no sistema que as classificam com (in)diferenças.

Estávamos assimilando a sabedoria, exatidão e relevância das últimas palavras de Maureen. Se ela era bonita – se havia uma coisa em que acreditar era que ela *era* -, então nós não éramos. E o que é que isso significava? Éramos inferiores. Mais simpáticas, mais inteligentes, mas, ainda assim, inferiores. Bonecas podíamos destruir, mas não podíamos destruir a voz açucarada de

pais e tias, a obediência nos olhos dos nossos colegas, o brilho escorregadio nos olhos dos nossos professores quando encontravam as Maureen Peals do mundo. Qual era o segredo? O que é que nos faltava? Por que era importante? E daí? Ingênuas e sem vaidade, ainda estávamos enamoradas de nós mesmas na época. [...] E o tempo todo sabíamos que Maureen Peal não era o Inimigo e não merecia ódio tão intenso. A coisa a temer era *Coisa* que tornava bonita a *ela* e não a nós (MORRISON, 2019, p. 84, grifos da autora).

As personagens, Cláudia e Frieda compreenderam que a luta não é contra Maureen Peaul, pois ela apenas reproduz o que aprende, mas com algo bem superior que é o branco e suas instituições. Esses são os verdadeiros responsáveis pela inferiorização do negro. Maureen se achar superior e mais bela, é a representação do senso comum e a falsa ideia da supremacia que deprecia-a imagem do negro.

Compreende-se que foram esses discursos de inferioridade ao negro que fizeram com que as protagonistas de Morrison destinassem tanto ódio a si mesmas. Com isso, é evidente como Cláudia consegue perceber que as pessoas a sua volta foram induzidas a acreditarem na realidade que a inferioriza, diferente de Pecola que não consegue ter essa maturidade e sofre na expectativa de alcançar o ideal e ser tratada com igualdade.

Considerações Finais

Buscou-se discutir neste artigo as questões que envolvem a supremacia hegemônica da beleza branca e qual sentido de belo na obra *O olho mais azul* de Toni Morrison, narrativa que trata do tema de forma abrangente e necessária através da personagem Pecola Breedlove.

A princípio, foi necessário revisitar o conceito de belo na filosofia, para assim alcançar e entender como o mito da beleza se estabeleceu nos parâmetros atuais. Esse recorte de tempo se faz necessário para que se alcance um entendimento de como esse conceito vem sendo discutido, e para isso foi necessário revisitar alguns filosóficos para fundamentar a pesquisa.

No decorrer da análise, foi possível entender a narrativa de Morrison e a urgência com que esse assunto necessita ser ainda mais discorrido. Pecola preferiu ser vista através do olhar do outro, e com isso o desejo de se encaixar no padrão se potencializou a ponto da loucura. Dessa forma, respondendo ao questionamento inicial, a mulher negra é conduzida a desejar um padrão de beleza branco pelo fato de almejar se relacionar positivamente na sociedade. É algo que vai além da aparência física, é a necessidade de ser vista, amada e aceita.

Assim, através da análise da obra, pela visão de Toni Morrison (2019), belo é tudo aquilo que é aceito, amado, desejado, e o feio é o rejeitado, o estranho, algo que beira a repulsa.

Dessa forma, essa narrativa empresta voz a outras mulheres e identifica problemas e questionamentos que somente outra mulher negra consegue identificar, com isso é compreensível o valor de uma escrita voltada para os problemas da mulher negra.

Mulheres negras enfrentam um apagamento de suas histórias, pois o desejo da supremacia branca é o de excluir tudo aquilo que difere do seu ideal, empurrando a mulher negra para a margem. Pecola, é uma personagem construída para que o leitor entenda sobre esse lugar de exclusão, pois a personagem é levada a acreditar que sua vida só terá sentido a partir do momento em que ela tiver os olhos azuis.

Com base no que foi apresentado no decorrer do texto, fica evidenciado a importância desta obra para os estudos raciais e de gênero, pois ela trata de aspectos importantes sobre a realidade da mulher negra. A questão do mito da beleza branca empregado na narrativa ainda pode ser muito explorado, e isso é relevante para a construção de uma sociedade onde a mulher negra aceite seus traços. Compreende-se que a personagem Pecola adocece por não encontrar no espaço em que vive narrativas que afirmem a positividade de sua imagem, e a sua identidade é atacada pela hegemonia branca.

Com isso, a questão da identidade deturbada das personagens é evidenciada na obra e discutida nesse texto, pois é algo entrelaçado à questão da beleza. A personagem é construída de maneira a se auto validar somente através do olhar do outro, e é isso o que faz essa narrativa ser tão instigante para quem a ler e para quem a pesquisa.

Referências bibliográficas

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 2006. Disponível http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/Antonio_Candido_-_Literatura_e_Sociedade.pdf Acesso em 19 fev. 2021.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas* / Frantz Fanon. Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008. P.194

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade* Stuart Hall. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. *Identidade e Diferença a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Editora Vozes, 2005, 133 p.

KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Tradução Valério Rohden e Antônio Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

MORRISON, Toni. *O olho mais azul*. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli. *Estética em Platão?* Revista *PHOINIX*, Rio de Janeiro - RJ, 11, 90-101, 2005. Disponível em: http://phoenix.historia.ufrj.br/media/uploads/artigos/5_-_Estetica_em_Platao_-_Joao_Ganzarolli.pdf Acesso em 06 fev. 2021.

PLATÃO. *Banquete*. Tradução de J. C. Souza. São Paulo: Difel, 2006.

PLATÃO. *Fedro*. Tradução de J. C. Souza. São Paulo: Editora 34, 2016.

SOUZA, Neusa Santos. *Torna-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* / Rio de Janeiro – RJ: Edições Graal, 1983.